

1

Porque é que no começo das coisas há sempre luz? As memórias mais antigas de Dorrigo Evans eram do sol inundando uma nave de igreja, onde ele estava com a mãe e a avó. A nave de uma igreja de madeira. A luz ofuscante e ele num vaivém trôpego, entre a luz transcendente que lhe dava as boas-vindas e os braços das mulheres. Das mulheres que o amavam. Como se entrasse e saísse num vaivém entre o mar e a praia. Uma e outra vez.

Deus te abençoe, diz a sua mãe amparando-o e deixando-o ir. Deus te abençoe, menino.

Deve ter sido em 1915 ou 1916. Ele teria um ou dois anos. As sombras chegaram mais tarde sob a forma de um braço levantado, com a sua silhueta negra recortada ao alto pela luz oleosa de uma lâmpada de querosene. Jackie Maguire estava sentado na cozinha pequena e escura dos Evans, e chorava. Nesse tempo ninguém chorava, excepto os bebés. Jackie Maguire era um homem velho, que talvez tivesse quarenta anos, talvez mais, e tentava limpar as lágrimas do seu rosto picado pelas bexigas, com as costas da mão. Ou seria com os dedos?

O seu choro foi tudo o que a memória de Dorrigo Evans fixou. Era como que o som de alguma coisa que se partia. O seu ritmo lento lembrava-lhe as patas traseiras de um coelho batendo no chão enquanto uma armadilha o estrangula — o único som semelhante ao de agora que ele alguma vez ouvira. Tinha nove anos, entrara em casa para mostrar à mãe um inchaço sanguinolento no polegar, e não dispunha de muito mais termos de comparação. Até então, só uma vez vira um homem crescido chorar: uma cena espantosa, quando o

seu irmão Tom saíra do comboio, ao regressar da Grande Guerra em França. Arrastara o saco na poeira quente da plataforma, e irrompera bruscamente em lágrimas.

Observando o seu irmão, Dorrigo Evans perguntara-se o que poderia fazer chorar assim um homem crescido. Mais tarde, chorar passou a ser simplesmente uma expressão do sentimento, e o sentimento a única bússola da vida. O sentimento passou a estar na moda, e a emoção tornou-se um teatro em que as pessoas se transformavam em actores que já não sabiam quem eram fora do palco. Dorrigo Evans viveria o suficiente para assistir a todas essas mudanças. E lembrar-se-ia de um tempo em que as pessoas tinham vergonha de chorar. Quando temiam a fraqueza que o choro manifestava. Os problemas que dela resultariam. Viveria o suficiente para ver as pessoas serem elogiadas por coisas que não eram dignas de elogio, simplesmente porque a verdade seria demasiado difícil para os seus sentimentos.

Nessa noite em que Tom voltara para casa, queimaram o Kaiser numa fogueira. Tom não disse uma palavra da guerra, dos alemães, dos gases, dos tanques e das trincheiras, dessas coisas de que eles tinham ouvido falar. Não disse fosse o que fosse. O sentimento de um homem nem sempre é igual ao de toda a gente. Algumas vezes, não é igual a seja que outra coisa for. Tom limitou-se a ficar a ver a fogueira arder.

2

Um homem feliz não tem passado, enquanto um homem infeliz só tem passado e nada mais. Já velho, Dorrigo Evans nunca soube se lera essa conclusão algures ou se fora ele próprio a formá-la. Essa conclusão que o formara, que se combinara nele, que o abatera. Que o abatera sem dó nem piedade. De pedra em cascalho em poeira em lama em pedra e assim era o mundo, como a mãe dele costumava dizer quando lhe perguntava a razão ou uma explicação do facto de o mundo ser isto ou aquilo. O mundo é assim, dizia ela. É assim mesmo, menino. Ele estava a tentar soltar uma pedra de uma massa rochosa para construir uma fortaleza para um jogo que estava a fa-

zer, quando uma outra pedra, maior, lhe caíra em cima do polegar, causando-lhe uma grande contusão lancinante e sanguinolenta que lhe inchava debaixo da unha.

A mãe arrastou Dorrigo até à mesa da cozinha, que a lâmpada iluminava mais fortemente, e, evitando o estranho olhar fixo de Jackie Maguire, examinou à luz o polegar do seu filho. Entre soluços, Jackie Maguire disse umas quantas palavras. A mulher dele tomara na semana anterior o comboio para Launceston, levando consigo o filho mais novo, e não voltara.

A mãe de Dorrigo pegou na sua faca de trincar. Ao longo do fio da lâmina corria um rasto cremoso de gordura de carneiro coalhada. A mãe poisou a ponta da faca nas brasas do fogão. Um pequeno fio de fumo subiu da lâmina e encheu a cozinha de um cheiro a carneiro esturrado. A mãe retirou das brasas a faca, de cuja ponta acesa ao rubro se desprendia uma poalha brilhante de centelhas de um branco incandescente — uma visão que a Dorrigo pareceu ao mesmo tempo mágica e terrível.

Fica quieto, disse ela, agarrando-lhe a mão com tanta força que o assustou.

Jackie Maguire estava a contar como apanhara o comboio-correio para Launceston e fora à procura da mulher, mas sem ter conseguido encontrá-la onde quer que fosse. Entretanto, Dorrigo Evans observava como a ponta em brasa da faca tocava a sua unha, e esta começava a fumar, enquanto a mãe abria, queimando-a, um orifício na cutícula. Ouviu Jackie Maguire dizer:

Desapareceu da face da terra, Mrs Evans.

E o fumo deu lugar a um pequeno jorro de sangue escuro que lhe saiu do polegar, e a dor do inchaço sanguinolento e o terror da faca de trincar em brasa dissiparam-se.

Vai-te embora, disse a mãe de Dorrigo, empurrando-o para longe da mesa. Agora, vai-te embora, menino.

Desapareceu!, dissera Jackie Maguire.

Tudo isto era nos dias em que o mundo era grande e em que a ilha da Tasmânia era ainda o mundo. E dos seus muitos confins remotos e esquecidos, poucos eram mais esquecidos e remotos do que Cleveland, o lugar habitado por cerca de quarenta almas onde vivia Dorrigo Evans. Antiga povoação prisional e estação de muda, a aldeia

conhecera tempos difíceis e caíra no olvido, e sobreviviam dela uma estação ferroviária, um punhado de edifícios jorgianos decrepitos e de casas de madeira dispersas, com as suas varandas frontais, abrigo de gente que suportara um século de exílio e de ruína.

Rodeada por bosques de pequenos eucaliptos mentolados de tronco retorcido e de mimosas que o calor fazia dançar e ondular, era uma terra quente e dura no Verão, e dura, simplesmente dura, no Inverno. A electricidade e a rádio ainda não tinham ali chegado, e, na década de 1920, a aldeia dir-se-ia continuar na de 1880 ou 1850. Muitos anos mais tarde, Tom, que não era um homem dado à alegoria, mas talvez impelido, ou assim pensara Dorrigo nesse tempo, pela iminência da sua própria morte e pelo terror que a acompanha — de a vida toda não ser mais do que uma alegoria e de a verdadeira história ser outra que não esta —, diria que aquela terra era o longo Outono de um mundo moribundo.

O seu pai trabalhava na manutenção ferroviária, e a sua família vivia numa pequena casa de tábuas dos Tasmanian Government Railways, situada ao lado da linha. No Verão, quando a água faltava, tinham de a ir buscar ao reservatório que abastecia as locomotivas a vapor, e de a carregar em baldes até casa. Dormiam cobrindo-se com peles de opossums que caçavam com armadilhas, e alimentavam-se sobretudo dos coelhos que apanhavam nos seus laços, dos *wallabies* que matavam a tiro, das batatas que cultivavam e do pão que coziam. O pai, que sobrevivera à depressão de 1890 e vira homens morrer de fome nas ruas de Hobart, não podia acreditar na sorte que o fizera vir acabar os seus dias num paraíso de trabalhadores como aquele. Nos seus momentos menos optimistas, dizia também: “Vive-se como um cão e morre-se como um cão.”

Dorrigo Evans conhecia Jackie Maguire dos dias de férias que de vez em quando partilhava com Tom. Para ir até casa de Tom, apanhava boleia na carroça de carga de Joe Pike, de Cleveland até ao desvio para Fingal Valley. Enquanto o velho cavalo de tiro, a que Joe Pike chamava *Gracie*, trotava amenamente, Dorrigo, balouçando para trás e para diante, imaginava-se transformado no ramo estranhamente agitado de um desses eucaliptos mentolados que se recortavam e dançavam contra o grande céu azul lá em cima. Sentia o cheiro das cascas de árvore húmidas e das folhas secas e observava os clãs de

periquitos almiscarados verdes e vermelhos que, empoleirados muito alto, faziam ouvir os seus cacarejos. Bebia o cantar das carriças e dos beija-flores, o estalido dos seus apelos jocosos, pontuados pelo passo firme de *Gracie* e pelo tilintar e o ranger dos arreios, dos varais e das correntes de ferro da carroça, todo um universo de sensações que regressavam em sonhos.

Seguiam ao longo dos trilhos da velha estrada, deixavam para trás a estalagem de muda que o caminho-de-ferro pusera fora de serviço, e era agora uma quase ruína degradada onde viviam várias famílias pobres, entre as quais a de Jackie Maguire. De tantos em tantos dias, uma nuvem de poeira anunciava a chegada de um veículo motorizado, e os miúdos irrompiam de trás dos arbustos e da estalagem de muda e perseguiram a ruidosa nuvem até onde o fôlego dos pulmões e a força das pernas lhes permitiam correr.

No desvio de Fingal Valley, Dorrigo Evans apeava-se, acenava um adeus a Joe e a *Gracie*, e começava a andar na direcção de Llewellyn, uma povoação que se distinguia principalmente por ser ainda mais pequena do que Cleveland. Chegado a Llewellyn, viraria para nordeste através das cercas e, orientando-se pelo grande maciço coroadado de neve de Ben Lomond, avançava por entre o mato na direcção do campo de neve que ficava atrás do Ben, onde Tom trabalhava duas semanas, para na terceira se ocupar de montar armadilhas aos opossums. A meio da tarde chegava a casa de Tom, uma gruta anichada num cotovelo protegido por uma crista. A gruta era ligeiramente mais pequena do que o telheiro da cozinha de Cleveland, e até mesmo na parte onde o tecto era mais alto, Tom tinha de inclinar a cabeça quando estava de pé. O recinto estreitava nos dois extremos, como a casca de um ovo, e a entrada tinha a protegê-la uma espécie de pala, o que permitia que ali ardesse durante toda a noite uma fogueira, que aquecia o interior da gruta.

De vez em quando, Tom, que estava então nos primeiros anos da casa dos vinte, tinha ali a trabalhar com ele Jackie Maguire. Tom, senhor de uma boa voz, cantava com frequência uma ou duas canções ao serão. A seguir, à luz do lume, Dorrigo lia em voz alta alguns velhos *Bulletins* e *Smith's Weeklys*, que formavam a biblioteca dos dois caçadores de opossums, a Jackie Maguire, que não sabia ler, e a Tom, que dizia que sabia. Gostavam de ouvir Dorrigo ler a coluna de con-

selhos da Tia Rose, e algumas das tradicionais *bush ballads*, que consideravam *bem-feitas*, ou por vezes *muito bem-feitas*. Passado algum tempo, Dorrigo começou a decorar em intenção deles outros poemas de um livro que havia na escola, intitulado *The English Parnassus*. O poema favorito deles era o “Ulysses” de Tennyson.

Com o rosto picado de bexigas aberto num sorriso à luz da fogueira, reluzente como um *plum pudding* acabado de servir, Jackie Maguire dizia: Oh, os antigos! Sabiam fazer com as palavras laços mais fortes do que uma armadilha de fio de cobre que estrangula um coelho!

E Dorrigo não dizia a Tom o que vira uma semana antes de Mrs Jackie Maguire desaparecer: o seu irmão a pôr-lhe a mão por dentro da saia, enquanto ela — uma mulher pequena e intensa de tez escura e exótica — encostava o corpo contra a parede do galinheiro nas traseiras da estalagem de muda. O rosto de Tom mergulhava no pescoço dela. Dorrigo sabia que o irmão a estava a beijar.

Durante muitos anos, Dorrigo pensava muitas vezes em Mrs Jackie Maguire, cujo nome próprio nunca chegou a saber, cujo nome próprio era como o alimento com que ele sonhava todos os dias nos campos de prisioneiros de guerra — qualquer coisa de presente e ausente, que lhe irrompia no interior do crânio, qualquer coisa que desaparecia sempre no momento em que ele a alcançava. E ao fim de algum tempo passou a pensar nela com menos frequência, até ao fim de algum tempo mais ter deixado de pensar nela por completo.

3

Dorrigo foi o único da sua família a passar no exame de aptidão, quando, aos doze anos, acabou o curso elementar, o que lhe valeu uma bolsa para continuar os estudos na Escola Secundária de Launceston. Era demasiado crescido para o seu ano. No seu primeiro dia na nova escola, à hora de almoço, acabou no chamado pátio de cima, uma superfície lisa cheia de ervas secas e de poeira, pedaços de casca de árvores e de folhas, com vários grandes eucaliptos num dos extremos. Observou os rapazes mais crescidos do terceiro e quarto ano, alguns deles com patilhas, rapazes já com músculos de homem,

alinhados em duas alas irregulares, atropelando-se, empurrando-se, movendo-se como numa dança tribal. Depois, começou o jogo mágico do *kick-to-kick*. Um dos rapazes chutava a bola do meio do seu grupo na direcção do grupo oposto. E todos os rapazes do grupo correriam para a bola e — se esta viesse pelo ar — saltariam, procurando apanhá-la. E do mesmo modo que a batalha pela baliza era violenta, o triunfo tornava sagrado quem conseguisse tomá-la. E para esse, o prémio, a recompensa era pontapear a bola na direcção do outro grupo — e tudo voltava ao princípio.

Foi assim durante toda a hora do intervalo do almoço. Inevitavelmente, os rapazes mais velhos dominavam, marcavam a maior parte dos pontos, eram os que pontapeavam mais vezes a bola. Alguns dos rapazes mais novos conseguiram umas quantas marcações e pontapés de reposição, e muitos de entre eles não mais do que um ponto ou nenhum.

Dorrigo observou todas estas coisas nesse primeiro intervalo da hora do almoço. Um outro aluno do primeiro ano disse-lhe que tinha de se ser pelo menos do segundo ano para se ter alguma hipótese no *kick-to-kick*: os rapazes mais velhos eram demasiado fortes e rápidos, e não hesitavam um segundo antes de darem com o cotovelo na cabeça, com o punho na cara, ou com o joelho nas costas de um adversário, ao disputar-lhe a bola. Dorrito viu alguns rapazes mais novos que corriam de um lado para o outro, seguindo a matilha a alguns passos de distância, prontos a pontapear uma bola demasiado alta que passasse por cima da chusma dos jogadores apinhados.

No segundo dia, juntou-se a esses rapazes mais novos. E no terceiro dia, estava já na retaguarda do grupo quando viu, por cima dos ombros dos outros, subir no ar uma bola caprichosa rematada na sua direcção. Por um momento, a bola pareceu suspensa no ar, iluminada pelo sol, e Dorrito deu-se conta de que a tinha ao seu alcance. Respirou o cheiro a formigas nos eucaliptos, sentiu as sombras viscosas dos seus ramos que ficavam para trás enquanto ele largava a correr no meio da chusma. O tempo tornou-se mais lento, Dorrito descobriu o espaço de que precisava na massa apinhada dos rapazes maiores e mais fortes. Deu-se conta de que a bola que descia do Sol era dele e que tudo o que tinha a fazer, portanto, era saltar. Não via mais nada senão a bola, mas sentiu que não conseguiria apanhá-la continuando a correr à mesma

velocidade, e por isso saltou para diante, batendo com os pés nas costas de um rapaz e com os joelhos nos ombros de um outro, e elevou-se, à plena luz do Sol, mais alto do que todos eles. No auge do combate, estendeu os braços acima da cabeça, sentiu a bola chegar-lhe às mãos, e compreendeu que podia agora descer do Sol para terra.

Agarrando a bola com as mãos firmes, aterrou de costas com tanta força que ficou sem ar nos pulmões. Respirou como se lardasse para retomar fôlego, levantou-se e ficou de pé, em plena luz, segurando a bola oval e preparando-se para entrar agora num mundo maior.

Quando começou a mover-se de novo, ainda vacilante, o grupo abriu uma clareira respeitosa à sua volta.

Quem raio és tu?, perguntou um dos rapazes maiores.

Dorrigo Evans.

Boa jogada, Dorrigio. És tu a chutar.

O cheiro a casca de eucalipto, a luz azul e densa do meio-dia da Tasmânia, tão intensa que teve de franzir os olhos com força para os proteger do seu gume, o calor do sol na sua pele tensa, as sombras duras e breves dos outros, a sensação de estar num limiar, prestes a entrar num novo universo enquanto o anterior continuava reconhecível e alcançável, não perdido ainda — Dorrigio tinha consciência de tudo isso, como também da poeira quente, do suor dos outros rapazes, do riso, da estranha e pura alegria de estar com os outros.

Chuta!, ouviu que alguém urrava. Chuta o raio da bola antes de a campainha tocar e acabar o jogo.

E nos recessos mais profundos do seu ser, Dorrigio Evans compreendeu que toda a sua vida fora uma jornada rumo a esse ponto em que voara até ao Sol e do qual agora partiria para sempre. Nada nunca mais seria para ele tão real. A vida nunca mais voltaria a ser tão cheia de sentido.

4

Somos espantosos, não somos?, disse Amy. Estava deitada com ele na cama do quarto de hotel, dezoito anos depois de Dorrigio ter visto Jackie Maguire chorar diante da sua mãe, que lhe acariciava

os caracóis do cabelo curto, enquanto ele lhe recitava o “Ulysses”. O quarto ficava no terceiro piso de um hotel decrepito, e dava para uma varanda funda que — cortando completamente a vista da rua e a da praia do outro lado da rua — lhes dava a ilusão de estarem no Antártico, cujas águas podiam ouvir no seu vaivém incessante, lá em baixo.

É um truque, disse Dorrigo. Como fazer sair uma moeda do ouvido de alguém.

Não, não é.

Não, disse Dorrigo. Não é.

O que é, então?

Dorrigo não sabia ao certo.

E os gregos, os troianos, por que razão se meteram nessa história? Qual era a diferença?

Os troianos eram uma família. Perderam.

E os gregos?

Os gregos?

Não. Os *Magpies* da equipa de Port Adelaide. Claro, os gregos. Como eram?

Violentos. Mas os gregos são os nossos heróis. Venceram.

Porquê?

Ele não sabia porquê ao certo.

Houve aquele truque deles, é claro, disse Dorrigo. O Cavalo de Tróia, uma oferenda aos deuses que trazia escondida lá dentro a morte dos homens, uma coisa para encobrir a outra.

Porque é que não os achamos odiosos, portanto? Aos gregos?

Ele não sabia porquê ao certo. Quanto mais pensava no assunto, mais incapaz se sentia de dizer por que razão era assim, ou também por que razão a família troiana fora maldita. Tinha a impressão de que *os deuses* eram simplesmente outro nome dado ao tempo, mas sentia que era estúpido dizer semelhante coisa, como se sugerisse que contra os deuses nunca nos é possível levar a melhor. E contudo, então, com vinte e sete, quase vinte e oito anos, havia já nele uma espécie de fatalismo, senão perante o destino dos outros, perante o seu próprio destino. Era como se a vida pudesse ser mostrada, mas nunca explicada, e as palavras — todas as palavras que não diziam directamente as coisas — fossem para ele a realidade mais verdadeira.

Estava a olhar por cima do corpo nu de Amy, da linha crescente entre o seu peito e a sua anca, nimbada de uma penugem fina, um lugar onde, para lá das janelas envelhecidas cuja tinta branca se desprendia em escamas, o luar traçava uma estreita senda sobre o mar que se sumia entre nuvens baixas diante dos seus olhos. Era como se essa estreita senda estivesse à sua espera.

*Mantém-se o meu propósito,
De navegar para lá do poente, e da luz líquida
De todas as estrelas do Oeste, até à morte.*

Porque é que gostas tanto de palavras? — ouviu Amy perguntar-lhe. A mãe morrera de tuberculose quando ele tinha dezanove anos. Ele não estava lá. Não estava sequer na Tasmânia, mas no continente, a estudar Medicina, com uma bolsa, na Universidade de Melbourne. A verdade é que havia mais do que um mar a separá-los. Na Ormond College, Dorrigo conhecera descendentes de grandes famílias, que se orgulhavam de feitos e linhagens, que remontavam aos tempos anteriores à fundação da Austrália, dos seus distintos antepassados ingleses. Podiam listar sucessivas gerações das suas famílias, os cargos políticos, as companhias fundadas pelos seus maiores, bem como as suas alianças dinásticas, as suas mansões e as suas grandes propriedades de criação de ovinos. Só depois de envelhecer ele se daria realmente conta de que grande parte de tudo isso relevava da ficção em maior medida do que qualquer coisa que Trollope alguma vez tivesse tentado escrever.

Era assombrosamente estúpido e, ao mesmo tempo, fascinante. Nunca encontrara outros seres mais seguros da sua própria superioridade. Os judeus e os católicos eram inferiores, os irlandeses repugnantes, os chineses e os aborígenes nem sequer humanos. Não pensavam que as coisas eram assim. Tinham a certeza. Tinham bizzarrias que surpreendiam Dorrigo. As suas casas de pedra. O peso dos seus talheres. A sua ignorância da vida dos outros. A sua cegueira diante da beleza do mundo natural. Dorrigo gostava da sua família. Mas não se orgulhava dos que faziam parte dela. O seu principal feito era a sobrevivência. Precisaria de uma vida inteira para saber apreciar devidamente esse feito. Mas, de momento, o sucesso dos seus — por

comparação com as honrarias, a riqueza, as propriedades e fama cujo espectáculo via pela primeira vez — parecia-lhe um fracasso. E, até à morte da sua mãe, em vez de se mostrar envergonhado, afastara-se simplesmente da família. E não chorara no seu funeral.

Diz lá, Dorry, disse Amy. Porquê? Um dedo dela subia ao longo da coxa dele.

Mais tarde, Dorrigo ganhou medo aos lugares fechados, às multidões, aos comboios e às salas de dança, a todas essas coisas que o encerravam num espaço interior e o separavam da luz. Respirava com dificuldade. Nos seus sonhos, ouvia-a a chamá-lo.

Menino, dizia ela, vem cá, menino.

Mas ele não ia. Quase reprovou nos exames. Lia e relia o “Ulysses”. Voltou a jogar futebol, procurando a luz, o mundo que entrevira na nave da igreja, subindo e continuando a subir direito ao Sol até ser capitão, até ser médico, até ser cirurgião, até estar ali deitado na cama, naquele hotel com Amy, vendo a Lua nascer por cima do vale do ventre dela. Lia e relia o “Ulysses”:

*O longo dia cai: lenta, a Lua sobe: ouvem-se
Os fundos ais de muitas vozes. Vinde, amigos,
Não é tarde: busquemos um mundo mais jovem.*

Agarrava-se à luz do começo de todas as coisas.

Lia e relia o “Ulysses”.

Voltou a olhar para Amy.

Elas foram a primeira coisa bela que eu alguma vez conheci, disse Dorrigo Evans.

5

Quando acordou passada uma hora, ela pintara os lábios de vermelho-cereja, sombreara os olhos cor de chama de gás e puxara o cabelo para cima, dando ao seu rosto a forma de um coração.

Amy?

Tenho de ir.

Amy...

Além disso...

Fica.

Para quê?

Eu...

Para quê? Já ouvi isso...

Fazes-me falta. A cada momento que posso ter contigo, fazes-me falta.

... vezes de mais. Deixas a Ella?

Tu deixas o Keith?

Tenho de ir, disse Amy. Disse que lá estava dentro de uma hora. Para o jogo de cartas da noite. Não estás a ver?

Eu vou voltar.

Vais voltar?

Vou.

E depois?

Tem de ficar em segredo.

Nós?

Não. Sim. Não, a guerra. Um segredo militar.

O quê?

Vamos embarcar. Quarta-feira.

O quê?

Daqui a três dias...

Eu sei quando é quarta-feira. Para onde?

Para a guerra.

Onde?

Como é que podemos saber?

Para onde é que vais?

Para a guerra. A guerra está em toda a parte, não está?

Volto ainda a ver-te?

Eu...

Nós? E nós?...

Amy...

Dorry, volto ainda a ver-te?